
ROBERT WECHSLER. *Performing Without A Stage. THE ART OF LITERARY TRANSLATION.* (1998) Catbird Press. 313 pp.

Convém observar, em primeiro lugar, que enquanto o título do livro aparece na parte superior da capa, em minúsculas, o subtítulo está da metade para baixo, em maiúsculas. A distribuição das palavras e o desenho que as acompanha sugerem a idéia de encenação. O destaque do subtítulo resta importância ao título, a ponto de não se saber qual é o principal. Percebe-se essa ambivalência ao longo de todo o texto: a tradução literária é tratada, *a priori*, como arte, no âmbito das artes cênicas; porém, carece do chamariz daquelas; falta-lhe o cenário. E, o que é uma *performance* sem palco?

O autor inicia supondo que há consenso quanto à natureza artís-

tica da tradução literária. As citações de Goethe e Borges só servem para confirmar a tese que se supõe unanimemente aceita. No entanto, os fatos observados no mundo artístico-literário não são condizentes com a constatação anterior. Apesar de a tradução ser “luz, alimento, água, religião” (no entender dos tradutores da King James Bible), está longe de receber o reconhecimento que lhe cabe. O tradutor, antes que o aplauso dispensado aos outros artistas, a melhor recompensa que pode esperar é o esquecimento; só será lembrado se algo na tradução der errado.

Performing without a stage, destinado não só aos tradutores, mas também aos editores, autores e leitores, pretende ser uma valiosa contribuição para reverter a situação antes descrita; está na hora de os tradutores sacudirem o complexo de inferioridade, o pessimismo e a resignação fatalista que parece ter tomado conta desse artista

anônimo que é o tradutor. Para tanto o autor organiza o material, não na forma e numeração convencionais de capítulos, mas por temas, precedidos de uma introdução. Eis alguns deles: *Lost and Found*, *The Romance of Infidelity*, *The Obligations of Poligamy*, *No Translator is an Island*, etc. Excetuando o primeiro, *Preparing for the Best*, que é como que continuação da introdução, e do último, *Performing without a Stage*, que é uma recapitulação, os temas restantes não apresentam a concatenação própria dos capítulos que integram os livros.

Embora a tradução literária e a poética sejam frequentemente mencionadas, as questões abordadas dizem respeito à tradução em geral. No tema introdutório se apresenta uma receita com os ingredientes necessários para se obter um ótimo tradutor – *a damn good translator* (p.31). Não há nenhuma descoberta mirabolante nessa fórmula: conhecimento de ambas as línguas e respectivas culturas, discernimento, habilidade interpretativa, etc. Uma das qualidades que merece especial destaque é “a disponibilidade para se submeter ao trabalho criativo de outrem” (p. 30-31). Esse outro, o autor, por sua vez, precisa do tra-

ductor para fazer com que a sua obra ultrapasse os limites estreitos do monolingüismo. Assim, a dependência autor/tradutor é recíproca.

Uma das primeiras questões abordadas é a possibilidade – impossibilidade da tradução literária. Neste campo vale o antigo ditado: *Tot capita quot sententiae*; em outras palavras, poderiam arrolar-se tantas opiniões a favor quantas em contra. Entre os pessimistas está R. Frost, repetidas vezes citado no livro: *Translating poetry loses what poetry is* (p. 51). Dante também sustenta a intraduzibilidade da criação poética, sob pena de ter *all its sweetness destroyed* (p. 52). Octavio Paz, pelo menos no texto citado pelo autor, demonstra certo ceticismo quanto à possibilidade da tradução poética (p. 55). *Eppur si muove...* Vernáculo: contra fatos não há argumentos. As traduções existem – *que las hay, las hay...* Assim como os humanos desafiaram a maldição do paraíso inventando máquinas que amenizam os rigores do trabalho, encontraram também um meio de driblar a maldição de Babel que os condenava ao isolamento monolingüista. No mundo atual a tradução não só é possível, como necessária. Quanto à tradução po-

ética, chega-se a afirmar como que a inevitabilidade da mesma: poesia é *that which is worth translating. The poem dies when it has no place to go*, afirma o autor fazendo suas as palavras de E. Weinberger (p. 62).

O item *fidelidade* ganha tratamento especial, sob os chamativos títulos de *The Romance of Infidelity* e *The Obligations of Polygamy*. A metáfora remete ao relacionamento matrimonial. O cotejo entre as duplas marido-mulher, autor-tradutor ultrapassa a mera analogia em vista das numerosas coincidências. Na atualidade debate-se o tipo de *fidelidade* que se deve, se pode exigir do tradutor. Segundo Wechsler é mais adequado falar de **fidelidades**: à língua de partida, mas também à de chegada, bem como às culturas de ambas; fidelidade ao público leitor e ao próprio tradutor como co-participante no projeto artístico do autor. Podem surgir situações de conflito quando autor e tradutor têm pontos de vista contrastantes a respeito dos assuntos tratados no texto a traduzir. Há também casos de textos defeituosos em que a infidelidade torna-se como que compulsória.

Um outro tema debatido em literatura, e que aflora na tradu-

ção literária, é o da fonte mesma donde aquela brota: inspiração? transpiração? ambas? *Nihil educit aut parit mens nisi literarum flumine inundata* (a mente não será capaz de produzir coisa alguma se antes não for empapada na torrente das letras), adverte Petronio. Se isso vale para a produção, vale também para a tradução literárias. As intuições, os “estalos” felizes e oportunos seriam impensáveis sem um acervo de experiências e conhecimentos de todo tipo. Em todo caso, a tradução é o resultado de um acúmulo de decisões. Macro-decisões concernentes à natureza do texto e a sua finalidade; micro-decisões referentes à sintaxe, ao léxico, ao registro a ser usado na tradução.

Quantas e quais foram as traduções da *Ilíada* ao inglês de 1579 a 1997? O que é que muda de uma tradução para outra? As traduções mais recentes, superam **sempre** as precedentes? Quais as vantagens ou desvantagens de traduzir verso em prosa? São estas algumas das questões levantadas no tema *Bettering*. Nos dois temas subsequentes abordam-se questões práticas tais como a contribuição da tradução literária para os estudos idem e para o aprendizado de línguas estrangeiras. Em seguida dedica-se um lon-

go espaço (39 páginas) ao tradutores, às circunstâncias em que realizam sua atividade e às diversas instâncias que o texto percorre até chegar às mãos do leitor. A tradução da Bíblia, o Antigo Testamento, ao grego, foi feita por setenta tradutores, sob inspiração divina. Já as traduções “profanas” de hoje em dia são feitas sob mui variadas circunstâncias: trabalho individual, em grupo – usualmente marido e mulher –, em colaboração com o autor, quando vivo. Neste último caso a experiência pode ser gratificante, mas também pode tornar-se insustentável, preferindo-se traduzir um autor defunto.

O autor de *Performing...* enfatiza a escassa retribuição e o pouco apreço em que é tida a tradução e, conseqüentemente, os tradutores, nos Estados Unidos. O que dizer de países como o Brasil? Músicos e atores recebem, com freqüência polpudos cachês, por cada uma das *performances*. Os autores e editores podem ganhar na loteria quando a obra é um best-seller ou torna-se roteiro de filme. O tradutor sequer pode alimentar esse sonho; ele é, em geral, pago pelo trabalho realizado, considerado como trabalho artesanal, sem direito a mais nada.

Performing without a Stage

encerra com um capítulo cujo título é o mesmo do livro. As últimas 38 páginas são uma recapitulação e ao mesmo tempo uma peroração semelhante à das peças da oratória clássica. Apesar da sua incontestável necessidade, a tradução é subestimada; o tradutores continuam relegados à senzala. Essa falta de apreço e até descaso decorre da falta de informação. Se desconhece o que implica uma boa tradução, o que se necessita para ser um bom tradutor. As responsáveis dessa lacuna são as publicações literárias que não dedicam suficiente atenção ao tema, e os próprios tradutores que não lutam pelo espaço que lhes cabe no universo literário. O nome do tradutor não aparece na capa e tampouco na orelha do livro traduzido.

Os tradutores têm o seu padroeiro, São Jerônimo, tradutor da Bíblia do hebraico ao latim, e seu mártir, William Tyndale, primeiro tradutor da Bíblia ao inglês. Parecem estar à espera de alguém que lance o grito: *tradutores do mundo, uni-vos!* Enquanto isso, há tentativas de tipo sindical bem sucedidas nos Estados Unidos; há também, ainda que em situação embrionária, no Brasil. Os tradutores devem sair do gueto e conquistar, se não melhor remunera-

ção, pelo menos maior apreço pelo seu labor artístico.

Dentre os méritos do livro *Performing...* podem aduzir-se as numerosas citações de autores antigos e atuais a respeito da tradução, formando uma colcha de retalhos bem costurada. O rastreamento das traduções da *Iliada* ao longo de quatro séculos no capítulo *It's even good for you* demonstra a capacidade do autor para efetuar **cortes** no desenvolvimento do tema. Além disso, sendo ele também redator e editor de textos literários, desvenda para o leitor o jogo que acontece por trás dos bastidores antes de a tradução aparecer em público.

A *Arte da tradução literária* (*Art of Literary Translation*) pressupõe um sólido embasamento nos estudos literários. Talvez por isso os temas literários diretamente relacionados com a tradução não são aprofundados. A “Morte do autor” é minimizada, já que a própria expressão estaria morta. No entanto, as teorias de Roland Barthes, inclusive as referentes à tradução, sequer são mencionadas. Ao tratar das “fidelidades do tradutor” Wechsler se aproxima das teorias do gênero, perfeitamente aplicáveis à tradução, como demonstra a tradutóloga brasileira

Rosemary Arrojo (*O Signo Desconstruído*. Pontes, 1992, Campinas, SP). o nosso autor, porém, parece desconhecer ou desdenhar o assunto. Em fim, *Performing...* tampouco leva em consideração as teorias de M. Bakhtin, aplicáveis e de fato aplicadas à tradução (Zaslavsky, D. *Traducción y Polifonía*. In: *Acta Poética*, N° 18/19, 1997-1998. UNAM, pp. 343-361).

Em suma, Wechsler se propõe a tratar o tema com humor e paixão (pág. 12). Com efeito, consegue, até um certo ponto, combinar a leveza da abordagem jornalística com a profundidade própria do ensaio. A reprodução de entrevistas orais e a frequente inserção do EU conferem ao texto um ar de confissionalidade que beira o narcisismo. Falando da atividade editorial ele critica as publicações das nações latinas, nem tão acuradas quanto as do mundo saxônico. De acordo, não fosse pela ocorrência de pelo menos um erro evidente que se esgueirou no seu livro, na citação de um texto de Neruda, em espanhol (pág. 273). Temos de admitir que *nada é perfeito*.

Rafael Camorlinga Alcaraz.

UFSC